

# Temirkanov traz som das estepes a SP

Maestro russo apresenta-se, de hoje a quarta-feira, à frente da Filarmônica de São Petersburgo

CARLOS HAAG

Moscú pode não acreditar em lágrimas, mas você pode contar com uma torrente delas ao ouvir o som criado pela orquestra da metrópole que é a sua grande rival, a Filarmônica de São Petersburgo. Regida por Yuri Temirkanov, os russos apresentam-se hoje, amanhã e na quarta-feira na série do Cultura Artística, tendo como solista o violinista Sergei Guirchenki. O programa é digno das noites brancas, com obras de Sibelius, Rimski-Korsakov, Tchaikovski, Prokofiev e Borodin

"A música feita em São Petersburgo reflete o caráter dual, russo e europeu dessa cidade e pode ser descrita por um gosto pelo belo, pelo refinado, pela elegância e pela emoção equilibrada", disse Temirkanov ao Estado em entrevista recente. Impossível uma melhor definição da orquestra, capaz de extrair qualquer pieguice da música de Tchaikovski e, ao mesmo tempo, preenchê-la com uma intensidade que nocauteia ouvintes mais sensíveis. Para isso, também colaboram os 34 violinos, 14 violas e 12 violoncelos, um naipe de cordas de força bélica e virtuosismo de ginasta soviético.

A preservação dessa tradição exemplar é um mérito pessoal de Temirkanov, que substituiu o legendário Mravinski, o ditador absoluto da orquestra por meio século (1938-1988), um grande músico que, ao fim de sua vida, deixou o grupo ser tomado pela preguiça e pela corrupção. Certo, Temirkanov não foi muito elegante ao passar anos criticando abertamente o velhinho que iria suceder, mas sua ação para recuperar a disciplina e aumentar o repertório é notável.

**Almoço** — Não foi, naturalmente, uma tarefa das mais fáceis na Rússia derrocada, em que o governo cortou, com gosto, a antes polpuda subvenção estatal à cultura. "Era bom poder trabalhar sem pensar no dinheiro para pagar o almoço, mas a falta de liberdade é algo muito pior e, agora, estamos sendo movidos pelo amor à música", avalia o maestro. Além da paixão, Temirkanov também precisou movimentar sua influência junto às gravadoras ocidentais,



Temirkanov: "Era bom poder trabalhar sem pensar no dinheiro para pagar o almoço, mas a falta de liberdade é algo muito pior e, agora, somos movidos pelo amor à música"

recolocando o grupo no circuito lucrativo dos CDs.

Outra faceta pouco soviética do regente é sua relação com os músicos, bem diversa do absolutismo do passado e mais próxima da convivência profissional das empresas capitalistas. "Um regente é o responsável pelo que a orquestra materializa, somos como uma empresa, e esse grupo de trabalhadores precisa saber o que vai produzir: essa é a minha tarefa", avalia. Nada mais glasnost. Talvez, apenas o empenho de Temirkanov em mudar o nome do seu grupo, assim que um plebiscito rebatizou, em 1991, Leningrado como São Petersburgo.

Apesar de ter um líder sintonizado com as novas idéias, o passado da Filarmônica é uma mescla de toques czaristas e revolucionários. O grupo surgiu da Orquestra Imperial da Corte que, logo após o ataque ao Palácio de Inverno, foi encampado pelo novo governo e chamada de Filarmônica Estatal de Leningrado. O primeiro concerto foi em 7 de novembro de 1917, dia da tomada do poder pelos bolcheviques. O programa era aristocrático: Haydn e Mozart.

A Filarmônica dedicou-se a um programa de educação popular pela música e, de 1924 a 1928, tocou Bartók, Berg, Stravinski e Hindemith, para um país que, pouco antes, era composto por mujiques regidos numa economia feudal. O ápice social do grupo ocorreu durante o cerco alemão a Leningrado, na 2ª Guerra, quando músicos prestes a desmaiar de inanição estrearam a *Sinfonia Leningrado*, de Chostakovich. Aliás,



Filarmônica: cordas bélicas e virtuosismo de ginasta soviético

durante todo o ataque tedesco, os filarmônicos famélicos fizeram 583 concertos.

Só a situação econômica difícil da ex-URSS, nos anos 70, é que os abalou profundamente e seu fabuloso naipe de cordas ("A escola russa de cordas é a melhor do mundo", elogia Temirkanov) foi desfalcado por fugas em massa de músicos para o Ocidente. Quando assumiu seu posto em 1988, Temirkanov conseguiu controlar essa hemorragia e até mesmo trouxe de volta alguns dos instrumentistas fujões. Se isso tudo pode ser percebido no som da Filarmônica de São Petersburgo? Não tenha

dúvida disso. Hoje, na introdução de *A Grande Páscoa Russa*, de Korsakov, você vai sentir-se arrastado a um passeio pelas estepes geladas. Não precisa agasalhar-se. Eles vão esquentá-lo com certeza.

## SERVIÇO

**Orquestra Filarmônica de São Petersburgo.** Hoje, amanhã e quarta-feira, às 21 horas. Ingressos: de R\$ 80,00 a R\$ 150,00. **Teatro Cultura Artística.** Rua Nestor Pestana, 196, ☎ 258-3616. **Patrocínio: Votorantim, Bankboston, Volkswagen.** **Promoção: Rádio Eldorado FM**



Liam Neeson: criticado como Wilde em Londres e comparado a um bispo que passou uma noite na destilaria

## Liam Neeson revive o drama de Oscar Wilde

Ator faz papel do escritor na peça 'The Judas Kiss', que estreia em Nova York nesta quarta-feira

MARCELO BERNARDES

Especial para o Estado

NOVA YORK — Para os poucos que escapam de ouvir que os ingressos para *The Judas Kiss* (*O Beijo de Judas*), peça com o ator Liam Neeson, estão esgotados, os agentes do Telecharge, serviço de venda para espetáculos da Broadway por telefone, descrevem os três nus masculinos do espetáculo, deixando pouco espaço para explicar que se trata de um trabalho sobre Oscar Wilde e escrito pelo dramaturgo inglês David Hare. "As pessoas têm reagido bem quando avisadas sobre o teor explícito da peça", explicou um agente à reportagem do Estado. "A grande curiosidade é saber sobre Mr. Neeson", diz.

Neeson não aparece nu no teatro Broadhurst, na rua 44. Na quinta-feira passada, segundo dia das pré-estreias da peça antes de sua première oficial na quarta-feira, as atrizes Marsha Mason, Susan Sarandon e o jornalista Walter Cronkite, num teatro lotado, conferiam o que parece ser o primeiro espetáculo de Hare (autor também das peças *Pravda*, *Skylight* e diretor do filme *Sombras do Passado*, com Vanessa Redgrave) a sofrer de uma crise de identidade. Pelo menos é com esse histórico que o trabalho está aterrissando na Broadway direto de sua temporada londrina.

**Crítica implacável** — "Hare abre sua peça com a mais energética cena de sexo oral que vi no teatro, mas Neeson, ao contrário de sua atuação em *A Lista de Schindler*, parece sem poderes e seu Oscar Wilde é defensivamente heterossexual", escreveu o crítico do jornal *The Independent*. Já o *The Times*, também de Londres, foi mais

implacável: "Há uma diferença nos dois atos e, no derradeiro, Neeson parece um bispo anglicano pederasta que passou a noite numa destilaria".

*The Judas Kiss* concentra-se em dois eventos da vida de Wilde. No primeiro, ele chega ao hotel Cadogan de Londres para aquela que vem a ser sua mais conturbada degustação de uma lagosta, refeição predileta do autor de *Salomé* e *O Retrato de Dorian Gray*. Wilde espera o desenlace de seu dramático julgamento e prisão sob acusação de indecência (sodomia). Já no segundo ato, dois anos mais tarde, ele está em seu exílio em Nápoles, reunido com o amante Alfred "Bosie" Douglas (Tom Hollander), o que dá o beijo mencionado no título.

Críticas à parte, Neeson impressiona no palco como Wilde, embora seus quase dois metros de altura comprometam o trabalho de Hollander, o grande erro de casting. "Bosie era um dândi", explica Stephen Fry, diretor de *Wilde*, filme que estreia nos EUA em maio.

*The Judas Kiss* foi um roteiro que Hare inicialmente escreveu para ser dirigido por Mike Nichols no cinema. "Recebi o script logo após *A Lista de*

*Schindler* e confesso tê-lo achado parecido com o filme *Os Crimes de Oscar Wilde* (com Peter Finch)", explicou Neeson em recente entrevista. "Mas como os nomes de Nichols e Hare estavam envolvidos, resolvi tentar assim mesmo", conclui o ator. Foi o próprio Hare quem decidiu abortar o projeto e reescrever seu texto, dessa vez para o teatro.

Na semana que vem, Neeson estará também nas telas como Valjean, na adaptação que Bille August (*Pelle, o Conquistador*) fez para *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. No dia 5 serão anunciados os nomes dos concorrentes ao prêmio Tony, o Oscar do teatro americano, e é esperado que Neeson e esposa, a atriz Natasha Richardson, que está atualmente em cartaz na Broadway no revival de *Cabaret*, sejam indicados.

**GRUPO FOI REBATIZADO PELOS MÚSICOS EM 1991**

**TEXTO FOI ESCRITO PELO CONCEITUADO DAVID HARE**